



## **Pedagogia da alternância: espaços e tempos educativos na apropriação da cultura**

### **Pedagogía de la Alternancia: espacios y tempos educativos en la apropiación de la cultura**

Célia Beatris Piatti<sup>1</sup>

#### **Resumo**

Este estudo apresenta reflexões acerca do Caderno de Campo, instrumento da Alternância, considerando esse instrumento importante para reconhecer os sujeitos em processos de vida, trabalho e estudo. Por meio dos registros dos estudantes é possível apreender situações nas quais eles apresentam os espaços onde vivem e/ou trabalham na perspectiva de pensar e construir a Educação do Campo. Para tanto, trazemos uma reflexão sobre a Alternância em relação à cultura do e no campo e para ilustrar, apresentamos registros realizados no Caderno de Campo dos estudantes de uma licenciatura em Educação do Campo com possibilidades de perfilar os caminhos da aprendizagem por meio desse instrumento.

**Palavras-chave:** Alternância, cultura, educação.

#### **Resumen**

Este estudio presenta reflexiones acerca del Cuaderno de Campo, instrumento de la Alternancia, considerando ese instrumento importante para reconocer los sujetos en procesos de vida, trabajo y estudio. Por medio de los registros de los estudiantes es posible aprehender situaciones en las cuales ellos presentan los espacios donde viven y/o trabajan en la perspectiva de pensar y construir la Educación del Campo. Para tanto, traemos una reflexión sobre la Alternancia en relación a la cultura del y en el campo y para ilustrar, presentamos registros realizados en el

---

<sup>1</sup> Docente e coordenadora do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFMS em Campo Grande – MS. E-mail: celiabp@brturbo.com.br



Caderno de Campo de los estudiantes de una licenciatura en Educación del Campo con posibilidades de perfilar los caminos del aprendizaje por medio de ese instrumento.

**Palabras clave:** Alternancia, cultura, educación.

### Introdução

O artigo apresenta uma breve reflexão na perspectiva de compreender o Caderno de Campo como um instrumento da Alternância que possibilita conhecer e reconhecer os sujeitos do campo. A Alternância é uma proposta pedagógica e metodológica a qual considera a interação escola, família e trabalho, permitindo aos estudantes do campo estudar sem deixar de trabalhar.

A Alternância é vista como modalidade que possibilita ao sujeito aprender e apreender situações de aprendizagem em espaços formais de ensino, bem como em espaços de vida e trabalho. Conhecer a Alternância implica em reconhecê-la como ponto fundante do processo de articulação entre vida e trabalho, suas peculiaridades, seus princípios e instrumentos aliados à cultura na qual o sujeito reconhece a sua história e a sua ação nos espaços onde vive e/ou trabalha.

Assim, neste estudo, buscamos apontar a importância do caderno de Campo, instrumento de Alternância, no qual o estudante registra sua trajetória no tempo-comunidade, momento em que está no local de moradia e trabalho, com possibilidade de articular os saberes científicos aos saberes da sua vivência.

Inicialmente, trazemos uma breve reflexão sobre a Alternância e sua origem, bem como a Alternância tendo em vista seus sujeitos em relação à apropriação da cultura, uma forma de compreendê-los em sua essência social. Para ilustrar, apresentamos trechos de registros do Caderno de Campo utilizado como instrumento necessário para aprendizagem e reconhecimento dos sujeitos em tempos e -espaços alternados e educativos.

**Pedagogia da Alternância: apontamentos necessários**



A Pedagogia da Alternância tem início na França, nas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), com a denominação de *Maisons Familiales Rurales* (Casas Familiares Rurais), criada em 1935, por um grupo de agricultores e auxílio de um Padre católico, com o objetivo de evitar que os jovens saíssem do campo para estudar na cidade, impedindo, assim, a permanência desses jovens nos centros urbanos para concretizar os estudos e buscar outras formas de trabalho. Considerando que nessa década a realidade agrária na França era representada por um grande número de pequenas propriedades que tinham como trabalho a produção agrícola familiar e o Estado tinha como prioridade a educação urbana, não havia planos de melhoria para os agricultores e, por conseguinte, para a educação de seus filhos. Logo, aos jovens do campo havia duas possibilidades: sair do campo para continuar os estudos ou permanecer no campo desistindo deles.

Assim, a Alternância inicia-se com ênfase em uma educação que articulasse escola, família e trabalho na perspectiva de manter o jovem no campo. A ideia inicial apontava para a necessidade de alternar os tempos educativos, priorizando os conteúdos básicos a serem ensinados durante o tempo em que os jovens permaneciam na escola e, na comunidade, realizando atividades agrícolas para o desenvolvimento econômico do campo, bem como para seu desenvolvimento social e aprendizado.

Os agricultores levaram adiante a organização das *Maisons Familiales Rurales*, com o objetivo de criar possibilidades para o desenvolvimento dos jovens e da comunidade, preocupados com uma educação diferenciada, que atenderia as necessidades dos jovens e, principalmente, que os incentivassem a permanecer no campo.

Nessa organização, os jovens permaneciam na escola, inicialmente em um espaço cedido na Paróquia e, nos outros momentos, ficavam nas propriedades de seus pais, onde eram orientados por eles. Dessa forma, alternavam-se tempos e espaços educativos nos quais os jovens tinham oportunidade de estudo e trabalho.



A escola se expandiu ampliando o número de jovens e, após a segunda guerra mundial, a experiência foi reconhecida e divulgada pela França e deu origem aos Centros Educativos Familiares de Formação em Alternância os CEFFAs, sendo reconhecida em 1960, pelo governo francês. Posteriormente, a experiência foi ampliada para outros países e sofreu adaptações de acordo com as necessidades de cada local.

No Brasil, a experiência foi liderada por padres jesuítas, inicialmente, no Espírito Santo, em 1969, com o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo – MEPES. Depois disso, expandiu-se para outros estados brasileiros e hoje é alvo de estudo e aplicação na educação de jovens e adultos do campo.

Nessa perspectiva de Alternância, há uma valorização dos conhecimentos que o jovem possui, considerando as suas experiências, por isso, além das disciplinas do currículo básico, leva-se em conta também as vivências no contexto da comunidade, primando pela formação integral do estudante.

A Pedagogia da Alternância acontece em dois tempos e em dois espaços: o tempo-escola (momento de educação formal na escola) e o tempo-comunidade (momento de educação na comunidade, na vida diária). É uma formação humanista, conta com diferentes instrumentos que garantem a sua função, a articulação de tempos e espaços educativos, o estabelecimento de relações entre os envolvidos no processo educativo e a relação com o trabalho. “A Alternância mais efetiva é a que associa meios de vida sócio-profissional e escolar em uma unidade de tempos formativos”. (BRASIL, 2006, p. 02).

Conforme Gimonet (2007, p. 130), o sujeito na proposta metodológica da Pedagogia da Alternância torna-se alternante e segue o “sentido das aprendizagens em alternância”. Ao vivenciar o movimento da alternância, em espaços alternados, compreende-se que ao jovem é dada a oportunidade de potencializar a aprendizagem, pois tem condições de articular o que é de seu cotidiano aos conceitos sistematizados na educação formal, uma vez que reconhece a necessidade de concretizar as suas experiências em tempos e espaços diversos.

Importante destacar que, de acordo com GIMONET (2007, p. 141):



Várias naturezas de aprendizagens decorrem da diversidade das situações vividas pelo alternante. Uma são frutos dos tempos de vida e das atividades em famílias, no meio profissional e social. Outras resultam de atividades mais dirigidas em situação escolar, entre outras, e, para algumas, também, no meio profissional.

Ao viver esses tempos alternados, o alternante aproxima-se da família, observa com olhar investigativo o local onde vive e/ou trabalha e flui nele o sentimento de pertença, reconhecimento e a construção da sua identidade.

Partimos do princípio de que a Alternância está em constante construção, teoricamente está posta, mas a prática representa cada espaço e seus sujeitos, portanto é construída pelos sujeitos de acordo com o espaço onde vivem, trabalham e que representa a sua trajetória, a sua história, portanto é um lugar de pertencimento.

De acordo com Queiroz (2004), há três tipos de Alternância nos CEFFA: a Alternância justapositiva, que se caracteriza pela sucessão dos tempos ou períodos consagrados ao trabalho e ao estudo, sem que haja uma relação entre eles; a Alternância associativa, quando ocorre uma associação entre a formação geral e a formação profissional, verificando-se, portanto a existência da relação entre a atividade escolar e a atividade profissional, mas ainda como simples adição; e a Alternância integrativa ou copulativa, com a compenetração efetiva de meios de vida socioprofissional e escolar em uma unidade de tempos formativos. Nesse caso, a alternância supõe estreita conexão entre os dois momentos de atividades em todos os níveis – individuais, relacionais, didáticos e institucionais. Não há primazia de um componente sobre outro. A ligação permanente entre eles é dinâmica e se efetua em um movimento contínuo de ir e retornar. Embora seja a forma mais complexa da alternância, seu dinamismo permite constante evolução. Em alguns centros, a integração se faz entre um sistema educativo em que o aluno alterna períodos de aprendizagem na família, em seu próprio meio, com períodos, estando esses tempos interligados por meio de instrumentos pedagógicos específicos, pela associação de forma harmoniosa, entre família e comunidade e uma ação pedagógica que visa à formação integral com profissionalização.



De acordo com Gimonet (2007), para a organização da Pedagogia da Alternância é preciso compreender suas finalidades e princípios. O autor aponta como finalidades à formação integral da pessoa, a educação, a orientação e inserção sócio-profissional, o que significa contribuir com o desenvolvimento da região onde o sujeito está inserido. Como princípios, apresenta a relação vida e escola, as relações de trabalho e a experiência considerada como suporte de formação.

Ainda é Gimonet (2007) que afirma que na alternância encontramos os instrumentos necessários à prática e à efetivação dos tempos alternados, são eles: o Plano de Estudo; Estágio; Colocação em Comum; Tutoria; Coletivos de Jovens; Visita à Família e Comunidade; Visita e Viagem de Estudo; Serão de Estudo; Colaboração Externa; Cadernos Didáticos; Fichas de Trabalho; Atividade de Retorno-experiências; Projeto do Jovem Empreendedor Rural; Avaliação semanal; Avaliação formativa e o chamado 'Caderno de Vida ou Caderno da Realidade' o qual permite aos filhos dos agricultores "observação e análise direta da prática agrícola e estabelecer um elo entre a experiência, da vida familiar, social e o período escolar" (GIMONET, 2007, p. 32).

Os instrumentos apontam a necessidade de organização do tempo, bem como a integração formativa dos espaços e dos tempos educativos e também garantem o engajamento do estudante, das famílias e da comunidade em relação à escola. Nesse sentido, valoriza todos os saberes que o sujeito constrói e, dessa forma, a vida e o trabalho são pontos importantes e integrantes da aprendizagem.

A Alternância é uma proposta em constante construção, na qual docentes e discentes protagonizam e adequam os saberes construídos em coletivo na comunidade e na escola. Portanto, vida e trabalho são momentos de aprendizagem que oferecem a oportunidade de desenvolvimento do sujeito em relação ao outro, no que se refere à articulação dos tempos.

O tempo de alternância é um tempo educativo, um tempo formador. Nesse tempo, estão pessoas que trabalham e/ou vivem no campo. O ambiente onde estão localizadas as escolas – as residências dos estudantes – representa espaços significativos para esses sujeitos, em sua vida



pessoal e profissional; são lugares constituintes e constituidores de práticas efetivadas num contexto no qual a cultura tem relevância.

### **A Alternância: apropriação<sup>2</sup> da cultura**

As culturas humanas despertam a preocupação em compreendê-las desde os primórdios da humanidade. Segundo Santos (2006), essa preocupação, bem como os estudos sobre cultura, intensificaram-se na medida em que se aceleravam os contatos, nem sempre pacíficos, entre os povos e as nações. O autor afirma que, por isso, não há uma definição clara e aceita por todos do que seja cultura. Por cultura “se entende muita coisa” (SANTOS, 2006, p. 21).

Por isso, é necessário ressaltar que, neste estudo, concebemos a cultura como tudo que caracteriza a existência social. A história do homem é marcada pela existência de múltiplas culturas. Essa diversidade retrata as práticas e tradições de diferentes lugares e, assim, somos levados a refletir sobre a coletividade à qual pertencemos e as interações que estabelecemos com o outro.

Para Santos (2006), a cultura envolve todos os aspectos de uma realidade social. Dessa forma, cultura diz respeito a tudo aquilo que representa a vivência social de um povo ou nação. Esse é o significado moderno do conceito que passa a ser assumido, notadamente no século XIX, atrelado ao desenvolvimento de teorias científicas sobre a vida e a sociedade e passa a tratar da totalidade das características de uma realidade social. Outra concepção de cultura evidenciada pelo autor refere-se ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo, assim como às maneiras como eles existem na vida social.

A cultura, nesse sentido, diz respeito a uma esfera, a um domínio da vida social. É ainda Santos (2006) que ressalta um importante fato: as duas concepções nos levam a entender a cultura como uma realidade estanque, parada, negando-lhe sua essência que é a dinamicidade.

---

<sup>2</sup> Entendemos por processo de apropriação o “resultado de uma atividade efetiva do indivíduo em relação aos objetos e fenômenos do mundo circundante criados pelo desenvolvimento da cultura humana”. (LEONTIEV, 2004, p. 290)



Sobre isso, ele nos diz: “[...] se a cultura não mudasse, não haveria o que fazer senão aceitar como naturais as suas características e estariam justificadas, assim, as suas relações de poder [...]” (SANTOS, 2006, p. 83).

Desse modo, a cultura é parte constitutiva da natureza humana, suas características se apresentam por meio da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados. A cultura, nessa concepção, é algo recriado e reinterpretado pelo homem que a constitui.

A vida social é um processo dinâmico e cada homem participa desse processo ativamente, em relação com o outro na interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo. Portanto, a cultura é um conjunto de produções humanas desenvolvidas historicamente e socialmente, podendo ser considerada como resultado da obra humana.

A natureza social do sujeito tem ligação com o desenvolvimento da cultura e da sociedade. Dessa forma, o mundo da indústria, das ciências e da arte é uma expressão histórica de natureza humana. É um processo sempre ativo.

Santos (2006) afirma que a cultura não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo, se poderia dizer da arte. Não é apenas uma parte da vida social como, por exemplo, se poderia falar da religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social.

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social, a cultura não é “algo natural” não é uma decorrência das leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. (SANTOS, 2006, p. 45).

Assim, consideramos que o sujeito não só é um produto de seu contexto social, mas também um agente ativo na criação desse contexto e é determinado pela sociedade em toda a extensão de sua subjetividade, mas ao mesmo tempo tem autonomia, no sentido de que pode interferir sobre a cultura. Nesse sentido, a convivência na sociedade determina a individuação das





subjetividades, porém, o sujeito intervém sobre esses determinantes, a partir do momento que produz e modifica o meio.

A cultura diz respeito à humanidade e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos [...] As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos para os agrupamentos humanos que as vivem são resultado de sua história. (SANTOS, 2006, p. 8).

É na interação com o outro que o sujeito interioriza, aprende e interpreta os fatos do contexto em que atua, reconhece-se como produtor de conhecimento, constrói-se nas organizações sociais. Portanto, se apropria da cultura no espaço onde vive.

Importante ressaltar que a Alternância representa a possibilidade de reconhecer os sujeitos em toda a sua existência social, portanto, olhar, ouvir e sentir as pessoas que residem no campo é reconhecer o campo e seus sujeitos, suas lutas e desafios. O que fazem? O que não fazem? Como? Para quê? Para quem? O que sabem?

Nessa direção, a cultura representa o desenvolvimento humano marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. A cultura é a condição de entender a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência. Portanto, a Alternância, vista como uma educação diferenciada, promove a interação entre o sujeito e os lugares, pressupõe reconhecer as relações estabelecidas, as ações sociais, econômicas, políticas, religiosas e ideológicas. Significa também reconhecer as manifestações e as correlações de força e de poder existentes no campo como resultantes da contradição de diferentes influências sociais.

Santos (2006, p. 9) assevera:

A riqueza das formas das culturas e suas relações falam bem de perto a cada um de nós, já que convidam a que nos vejamos como seres sociais, nos fazem pensar na natureza **dos todos sociais** de que fazemos parte, nos fazem indagar sobre as razões da realidade social de que partilhamos e das forças que as mantêm e as transformam. (Grifo nosso).



Podemos considerar que não basta articular as relações com o saber na integração realidade, escola e família, é preciso reconhecer o espaço onde o sujeito vive e trabalha, reconhecer as diferenças existentes, as contradições, as lutas, pois são essas questões que podem transformar e formar sujeitos ativos e produtores de sua própria história, com possibilidade de transformação.

De acordo com Queiroz (2004), na Alternância não se trata apenas de articular dois espaços, dois lugares diferentes. É necessário “[...] colocar em coerência duas relações com o saber num projeto de formação” E para isso se faz necessário “uma pedagogia do saber partilhado” que, reconhecendo as diferenças e as contradições, as torne formadoras. (QUEIROZ, 2004, p. 103 – grifos do autor).

Consideramos importante reconhecer a cultura do campo e no campo, pois a cultura é uma dimensão do processo social, portanto é uma construção histórica. A partir desse reconhecimento, é possível partilhar saberes entre professores, alunos, pais, comunidade, movimentos sociais, poder público, na perspectiva de coletivizar a proposta de alternância que só tem sentido compartilhada para sua construção efetiva, coletiva e participativa.

### **Caderno de Campo: instrumento da Alternância em tempos e espaços educativos**

Compreendemos que a Alternância, enquanto proposta pedagógica e metodológica, rompe com um ensino cartesiano, pois compreende que a construção do conhecimento acontece em movimento dinâmico. É, portanto, na relação dialética com o mundo, que o sujeito se constitui e se desenvolve. Dessa forma, consideramos que o sujeito não só é um produto de seu contexto social, mas também um agente ativo na criação desse contexto.

O sujeito se constitui a partir dos contextos sociais aos quais está inserido. É capaz de produzir cultura, pois a sua constituição resulta da ação concreta sobre o meio. A partir de sua



atividade, se constitui transformando e se transformando como sujeito que, ao mesmo tempo, é produto e produtor de cultura.

A identidade é constituída a partir da relação com os grupos sociais dos quais fazemos parte nos diferenciando ou nos aproximando deles. Nessa diferenciação ou igualdade, construímos nossa identidade por meio da história, das tradições, das normas às quais esses grupos pertencem.

Uma cultura sobrevive da ação de um grupo social, ao desvendar os valores, os hábitos, as ideias que permearam determinados tempos da sociedade. A cultura é mantida por um processo contínuo de lembranças que, atualizadas, são assimiladas e renovadas a cada grupo e seu tempo histórico.

Nessa perspectiva, compreendemos a importância dos instrumentos da Alternância para o reconhecimento dos sujeitos e, para tanto, apresentamos alguns fragmentos do <sup>3</sup>Caderno de Campo de três alunos da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – LeduCampo – que foram selecionados com o objetivo de apresentar, por meio desse instrumento, os registros dos estudantes que revelam a cultura de lugares, nos quais eles vivem e se apropriam da dinâmica da vida em comunidade e tornam-se ativos na produção de cada espaço em que vivem e/ou trabalham.

O Caderno de Campo é um instrumento usado como meio de produção de conhecimentos pelo aluno e instrumento de avaliação para o professor, pois a partir dele é possível avaliar e dar continuidade à aprendizagem. No Caderno de Campo o estudante faz anotações de sua vida pessoal, profissional, sua trajetória de estudo, das discussões em aula, das palestras, dos filmes a que assistem, em relação aos conteúdos e outras atividades realizadas. Esse instrumento também pode ser considerado como a possibilidade de constituir as suas memórias individuais, do curso, de sua trajetória e, mais tarde, poderá rememorar todas as situações que têm relação com a trajetória construída nesse percurso. A trajetória não deve, contudo, ser analisada somente enquanto produção individual, mas sim, na contribuição em um contexto mais coletivo do curso e da própria discussão de Educação do Campo.

---

<sup>3</sup> O caderno da realidade é um dos instrumentos da Alternância. Nesse estudo, denominamos Caderno de Campo, mas refere-se ao mesmo instrumento.



Ao analisar no caderno de campo, dos extratos transcritos podemos compreender que a constituição do sujeito se dá a partir da atividade concreta de vida, mediada pelas relações estabelecidas e pelas transformações que cada ambiente propicia a esse sujeito, portanto, a cultura é vista como como ação do sujeito no espaço onde vive.

Aos estudantes foi solicitado que observassem a sua comunidade a fim de reconhecê-la e registrar o que foi alvo de observação. A observação deveria ser sistemática com olhar aguçado, crítico e atento.

O estudante E1,<sup>4</sup> em sua observação registra:

*Iniciei a observação na minha comunidade como atividade da disciplina de Práticas Político-Pedagógicas e pude perceber que a região onde vivo tem 180 famílias assentadas. Infelizmente, os sujeitos da minha comunidade sobrevivem trabalhando por dia em empreitas em fazendas próximas, com vínculo empregatício, e a minoria trabalha em sua própria terra com bovinocultura de leite e horticultura. Muitos deles não tiveram contato com a escola, nem mesmo sabem ler e escrever. Situação real e triste. (E1)*

*Constituímo-nos em pessoas simples e humildes, mas grandes em culturas e diversidade. Nossos pais demonstram ou demonstraram em suas faces ou traços de quem trabalhou numa época que existia pouca tecnologia avançada e poucas oportunidades. Alguns deles deixaram o campo em busca de novos horizontes, pois não havia escolas próximas de casa e tampouco transporte escolar rural, apesar disso, alguns foram insistentes e permaneceram na terra mesmo em situações adversas. (E1)*

No registro, os estudantes revelam que a cultura é singular em cada espaço, porém também é geral, quando há o contato com outras situações que são vividas e compartilhadas no dia a dia. O sujeito participa, desenvolve-se e organiza-se, transformando-se como sujeito e, nesse sentido, compartilha de grupos sociais, apropria-se da cultura e sente a necessidade de expressá-la e internalizá-la, uma vez que a considera parte de sua história.

<sup>4</sup> Para apresentar os trechos de registros dos alunos, usamos a letra E de estudante e um número para diferenciá-los.



Nesses registros é possível encontrar a necessidade que esses sujeitos encontram na ausência da escola em suas comunidades. Questão essa importante a ser considerada na luta por uma Educação do e no Campo que possa oportunizar a todos a garantia de direito à educação formal.

A escola, como espaço cultural, pode representar um processo dialógico de múltiplos aspectos que envolvem o homem em relação à cultura. No espaço da escola ou da sala de aula, seus atores têm voz, atuação, trocam experiências, convivem, aprendem, ensinam e, nesse contexto, se constituem enquanto sujeitos sociais e históricos.

Em outros registros encontramos as questões relacionadas às manifestações culturais:

*Em minha comunidade há várias manifestações culturais, mas as principais são religiosas. Temos a festa de Santa Luzia que arrecada dinheiro e colabora na reforma e ampliação da escola. Temos também as manifestações populares que são organizadas pelos Movimentos Sociais como bazares e feiras beneficentes. Há também bailes que são animados por pessoas da própria comunidade. (E2)*

*Observei na comunidade onde moro e o que me chamou a atenção foi as crendices, há uma sabedoria do povo, principalmente em relação a remédios, utilizam muitas ervas e que dão efeito. Também há uma utilização de técnicas de manejo naturais para controle das pragas e também outras técnicas agrícolas. (E3)*

Ao ler esses excertos nos reportamos a Santos (2006), ao refletir sobre a cultura popular e erudita. Segundo o autor, essa diferença se faz a partir de uma ideia de refinamento pessoal, dessa forma, a cultura se refere à divisão entre saberes, afirmando que ao saber erudito apenas a classe dominante tem acesso. Conhecimento esse que se contrapõe ao conhecimento popular, possuído pela maior parte da população; visto como conhecimento atrasado, inferior e superado.

Cabe aqui entender que a cultura está ligada às questões de classes dominantes e dominadas e, nesse sentido, é preciso reconhecer nesses registros a importância do legado



cultural e da ação do sujeito, componente ativo na apropriação desse legado, bem como na forma de disseminar as culturas e de mostrar ao outro possibilidades de igualdade e diferença.

Podemos considerar, a partir desses extratos, a cultura como símbolo cujas significações por eles apresentadas garantem a marca de um lugar, os padrões de comportamento, as atividades realizadas como processos de afirmar o espaço como singular. Podemos notar na concepção dos estudantes uma aproximação antropológica do conceito de cultura como costumes de uma determinada comunidade.

Em outra direção o estudante E3 registra:

*Olhando ao meu redor vejo o quanto a minha comunidade mudou. No início foram muitas dificuldades, não tinha água e a terra era seca cheia de taboca. Não tinha energia, usávamos lampião, abrimos poço, mas tivemos muitas dificuldades, mas mesmo assim, plantamos a lavoura (feijão, arroz, milho). Durante alguns anos foi assim, mas percebemos que não havia como sobreviver desse plantio, pois era muito trabalho e não tinha lucro, foi assim que resolvemos criar pasto e criar gado e também vender o leite. É o que tem dado certo. Hoje temos água encanada, energia, transporte escolar. Ainda faltam muitas coisas, mas já conquistamos muitas e vencemos.*

A partir desse registro, entendemos que a cultura representa a própria essência do homem, tudo que envolve sua existência, logo é um processo acumulativo no qual o homem recebe o legado das gerações anteriores, recria e adapta-se com novas formas e configurações para sua adaptação no mundo. Dessa forma, quando nos propomos a conhecer e compreender a cultura também estamos conhecendo o homem em toda a sua forma de ver e de se reconhecer na sociedade em que está inserido.

Ao reconhecer que a cultura em nossa sociedade não é imune às relações de dominação, pois há a divisão de grupos e de classes, nos amparamos em Chauí (1999), ao afirmar que uma comunidade defende a mesma cultura e, na sociedade, as diferentes classes sociais produzem diferentes culturas. Vale ressaltar que, para a autora, uma cultura não deveria excluir a outra, mas se completarem, porém a questão ideológica institui essa separação e produz a história.



Desse modo, entendemos que a sociedade reproduz as representações que nascem em diferentes momentos dessa história. Essas representações vinculam-se à sociedade e perpetuam-se em diferentes momentos e tempos históricos.

Ao ler o registro do E2, encontramos em sua essência o olhar atento à comunidade:

*É triste observar a comunidade e analisar que há um esquecimento da zona rural, ela é vista como lugar de pessoas precarizadas, desempregadas, atrasadas e, assim, muitos fazendeiros aproveitam para explorar o pequeno produtor que fica a mercê dos latifundiários. Tenho certeza que a escola do campo pode contribuir para pensar essas situações e colaborar para que as pessoas vejam o campo como lugar de desenvolvimento. (E3)*

Segundo Laraia (1996), não há cultura superior à outra, nem melhor e nem mais desenvolvida. Todas possuem seus valores em suas especificidades. As culturas possibilitam ao homem ultrapassar gerações, promover mudanças. Na Antropologia, por meio da cultura, podemos compreender o homem, sua característica social de adaptação para uma convivência pacífica, frente às diferenças das culturas, mas é preciso entender que há divisão de classes e de grupos que interferem, e que as classes dominadas existem em relação com as classes dominantes, partilham um processo comum, do qual não detêm o controle. (SANTOS, 2006, p. 59).

A importância desses registros está em conhecer e reconhecer os sujeitos de formação em Alternância. Seus contextos de vida e trabalho são necessários para a compreensão de sua trajetória, pois evidencia a necessidade de perquirir a cultura de um lugar onde esses sujeitos estão e perfilhar esses espaços como formativos e educativos.

### **Considerações possíveis**



A discussão sobre cultura é extensa e não tem fim, “[...] pois uma compreensão de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana. (LARAIA, 1986, p. 63). A partir da afirmativa do autor, consideramos cultura como representação da própria essência do homem, tudo que envolve sua existência, logo é um processo acumulativo no qual o homem recebe o legado das gerações anteriores, recria e adapta-se com novas formas e configurações para sua adaptação no mundo.

Dessa forma, quando nos propomos a conhecer e compreender a cultura, também estamos conhecendo o homem em toda a sua forma de ver e de se reconhecer na sociedade em que está inserido.

Não tivemos a aspiração de que por meio de rápidos fragmentos de registros pudéssemos apresentar confirmações sobre as representações simbólicas da cultura, mas acreditamos que os apontamentos realizados no Caderno de Campo são importantes para iniciar as reflexões dos professores e de seus alunos na perspectiva de entender os espaços e os tempos formativos e educativos na modalidade de Alternância e compreender a importância e a necessidade de reconhecer os instrumentos da Alternância como uma das possibilidades de perscrutar o espaço do campo onde residem os estudantes como lugar de condições de vida, de trabalho e de produção cultural.

### Referências Bibliográficas

BRASIL, 1º de fevereiro de 2006. Assunto: Dias letivos para aplicação da pedagogia nos centros familiares de formação por alternância (CEFFA). Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD/MEC. Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf>

CHAUI, M. **Introdução à Filosofia**. Porto Alegre: Ed. Bertand Brasil, 1999.

GIMONET, J. C. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LARAIA, R de B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEONTIEV, A.N. **O desenvolvimento do Psiquismo**. 2. Ed. São Paulo: Centauro, 2004.





QUEIROZ, João Batista P. de. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil: Ensino**

Médio e Educação Profissional. 2004. 210 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de Brasília - UnB. Brasília. 2004.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.